

ID:1895

PERDAS SEM DANOS: AÇÕES PREVENTIVAS EM ARTETERAPIA PARA CRIANÇAS.

Kretzer Rodriguez, Cláudia Maria. Brasil

RESUMO

O mundo contemporâneo é instigado pelas novas tecnologias que, além de acelerar a percepção de mundo, provoca o estado de incertezas no modo de viver. Esse fato predispõe o aumento dos temores, principalmente nas crianças. Portanto, lidar com os medos e possíveis perdas torna-se essencial a uma vida saudável e equilibrada em sociedade. **Objetivo.** Possibilitar experiências artísticas terapêuticas que previnam a dor das perdas em crianças. **Materiais e métodos.** Estudo qualitativo fenomenológico, aplicado em 27 crianças de 09 a 10 anos da rede Estadual de Ensino de São Paulo, Brasil, de março à dezembro de 2013. O registro foi realizado por meio de máquina fotográfica, gravações dos depoimentos e relatos. Os materiais artísticos foram variados de acordo com o envolvimento estabelecido com cada criança. A compreensão dos dados foi realizada por meio dos processos artísticos, relatos e depoimentos dos participantes. Solicitada autorização de uso de imagens junto aos pais. **Resultados.** A percepção e a noção de espaço como conceitos importantes às atividades terapêuticas foram observadas durante a realização das atividades. Os sujeitos mais significativos na vida das crianças foram os pais e irmãos. A ampliação do conceito arteterapêutico por meio da matéria expressiva colaborou com a exteriorização do ser simbólico. As crianças relataram perdas afetivas, por morte ou separação entre os familiares. Os sentimentos foram externalizados por manifestações emotivas que foram acolhidas imediatamente pelo próprio grupo. **Conclusões.** As atividades arteterapêuticas vivenciadas pelas crianças possibilitaram a significação dos símbolos prevenindo a dor das perdas.

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo é instigado pelas novas tecnologias que, além de acelerar a percepção de mundo, provoca o estado de incertezas no modo de viver. Esse fato predispõe o aumento dos temores. Portanto, lidar com os medos e possíveis perdas torna-se essencial a uma vida saudável e equilibrada em sociedade.

A Arte passa a ser o instrumento do método de trabalho, unindo o fazer artístico, enquanto expressão e o fazer terapêutico, enquanto representação de imagens simbólicas, desvendando o inconsciente.

Para essa caminhada utilizou-se como suporte teórico, a psicologia analítica de Carl G. Jung. Com o auxílio dos sonhos, contos de fadas e mitos, Jung decidiu decifrar os símbolos¹. Por meio do processo de criação atrelado aos materiais expressivos, depara-se com a possibilidade de leitura da imagem simbólica – inconsciente, como processo de autoconhecimento, como também concordaria Philippini. Maurice Merleau-Ponty foi convidado para dialogar com o processo artístico, desabrochando maneiras de perceber o mundo vivido, nas relações de eu-mundo. Gaston Bachelard consagra a percepção das imagens como processo da imaginação e trata a matéria como fonte do próprio ser. Unindo-se ao grupo, Fayga Ostrower propõe enfocar o ser humano como ser cultural criativo. É com este grupo

¹ Símbolo, para Jung é a representação de imagens do inconsciente (representações dos nossos arquétipos) que são apresentadas para o consciente. Os arquétipos são marcas, impressões antigas que já nascem conosco e que ao longo da vida têm oportunidades de desenvolvimento potencial. O símbolo é a tentativa de expressar algo para o qual ainda não existe conceito verbal.

teórico-artístico onde o diálogo, as reflexões, indagações, investigações, questionamentos e percepções aconteceram,, experienciando formas, maneiras de proporcionar as crianças, *perdas sem danos*.

Para Philippini (2004) a arteterapia é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando resgatar o ser em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação.

Carl Jung propõe com Arteterapia decifrar as imagens simbólicas provindas do inconsciente, para o conhecimento de si mesmo. Atribui à arte uma forma de mediação, isto é, de comunicação do subjetivo com o objetivo, do desconhecido com o revelado, estimulado pelas emoções e, visibilizadas em expressão. Essa inovação na comunicação se daria por uma espécie de intercâmbio entre as imagens simbólicas do inconsciente exteriorizadas pela motivação afetiva, associada à percepção de mundo. O ato de criar pode ser o ensaio para resolução de tais conflitos: internos e externos. Nesse sentido, Jung nos oferece os dos sonhos, contos de fadas e os mitos [representam a universalização da humanidade], como formas de compreender as imagens simbólicas, contribuindo para o que Jung chama de *individuação* – o ser na sua totalidade com o mundo.

Merleau-Ponty busca a unidade do corpo com mundo. Há uma identificação do corpo com o mundo. Ele olha tudo e a si mesmo; ao olhar, olha-se; ao tocar, toca-se, ou seja, está lá [mundo, natureza], mas está aqui [corpo]. Ele quer nos apontar para esta unidade do olho e o espírito. São meus olhos que me levam ao ser. Pelo corpo o homem faz do mundo um prolongamento de si. Não somos a junção de duas partes, matéria e espírito somos um todo, corpo e espírito, como atual no mundo. Assim, Merleau-Ponty vai falar do eu-mundo, objeto-sujeito, como parte integrante do ser. Toda nossa ação e todo o conhecimento se fazem por um processo de experiências vividas.

Com relação ao poder da matéria, Gaston Bachelard (2001) desvela a magia da matéria que ao revelar-se, revela nossas próprias forças, num diálogo acasalador. Fala dessa troca de energia inseparável do homem X matéria que doa e recebe. Pois para ele: “é a percepção das imagens que determina os processos da imaginação” (BACHELARD, 2001, p.02). Portanto, para o filósofo manejar materiais diversos e bem individualizados auxilia no processo para adquirir tipos individualizados de flexibilidade e de decisão. O devaneio da vontade são devaneios que projetam tarefas sucessivas e ordenadas da nossa imaginação originada pela imagem, coisa, a matéria. E desta maneira a imagem desperta o instinto, o que é primordial do ser, nos provocando uma reação. O mundo resistente [que para Bachelard são as imagens] nos estimula nos dá conta de si mesmo. O diálogo com a matéria, nossa vontade e suas energias intrínsecas, criam uma troca energias. Essa troca segundo Bachelard aconteceria naquele momento com o respectivo material. A força aplicada só poderia ser colocada naquela matéria, pois na vida isto não estava sendo possível. Dessa forma, não podemos esquecer-nos da dinâmica do homem no mundo das matérias e das forças.

Para Fayga (OSTROWER, 2001, p.05) “a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural”. Para ela, o homem é um ser consciente e sensível, faz parte de sua herança biológica desenvolver-se em uma realidade social, cujas necessidades e valores culturais se moldam os próprios valores da vida. Nesse sentido, não há para o ser humano um desenvolvimento biológico que ocorra independente do cultural.

É imbricando os pensamentos destes autores que, apesar de suas distinções, estão preocupados com o ser em sua totalidade psíquica, cultural e social fazendo da Arte uma experiência sensível, onde o ser possa conhecer, conhecer-se e se reconhecer no mundo.

Nesse sentido, a pesquisa foi uma proposta em arteterapia preventiva na prática cotidiana em um ambiente escolar que, atrelada ao processo de criação, buscou refletir e prevenir a dor das perdas e promover a saúde mental em crianças de 9 a 10 anos de idade de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental em São Paulo, Brasil. As atividades terapêuticas foram baseadas em contos, mitos, relatos de experiências, sendo realizadas na sala ambiente de Artes durante as aulas.

Para compreender como se deu essa ação preventiva contra os temores das perdas, o método aplicado foi à fenomenologia. Essa abordagem reflete as ações e experiências vividas durante as atividades arteterapêuticas, seguindo a *Descrição, Redução Fenomenológica e Reflexão*.

Lidar com os medos e com as perdas são implicações ancestrais e indissociáveis da vida humana. O mundo contemporâneo caracterizado pelo processo acelerado da novidade, também impõe novas formas e maneiras de “estar-no-mundo”. Em meio a esse circuito avassalador a criança depara-se com a violência urbana, as catástrofes naturais, o desemprego, as epidemias, o terrorismo, a exclusão, o conhecimento efêmero, as descobertas tecnológicas, enfim, com as todas as marcas de insegurança que refletem os tempos atuais. A percepção de mundo também foi acelerada, assim como as próprias relações em seu contexto. Nesse cenário, em meio às incertezas, há uma busca constante por alívio e conforto diante de tais temores.

Para o filósofo Maurice Merleau-Ponty, a criança passa a ser compreendida na sua facticidade, ou seja, pelo seu contato com as coisas do mundo, em um espaço – tempo – vividos. Estas experiências singulares passam a ser compreendidas e refletidas apoiadas em um conjunto de asserções significativas, que apontam a experiência do sujeito em meio ao horizonte de sua história, de sua cultura e de sua percepção do mundo.

Essas acepções mostram que a criança sofre influências da cultura em meio às situações de aprendizagens, na relação com o outro, ‘criança-adulto’ e que sofre influências de fatores coletivo - sociais, partindo dos estudos de Freud. Sendo assim, a história não é a única determinante da atividade social [inconsciente coletivo de Jung]. A história intra-individual [aprendizagem das regras sociais pelo indivíduo] e o drama histórico-social desempenham papel importante na formação do indivíduo (Merleau-Ponty, 2006b, p. 88).

O desenho infantil é a “representação” do mundo onde a criança vive, porém, conforme o Merleau-Ponty, esta representação nunca será considerada como uma cópia do mundo que se apresenta à criança, mas, como um ensaio de expressão.

A criança muitas vezes não consegue externalizar seus medos e portanto, sente dificuldades em lidar com as perdas. Nos espaços educacionais e de saúde os profissionais se deparam com problemas desta natureza que interferem no processo de desenvolvimento da criança em sua dimensão sociocultural, cognitiva, física, mental, afetiva e simbólica. Nestes espaços há poucos ou quase nenhum momento para discutir e refletir sobre aspectos geradores destes conflitos.

Desse modo, faz-se necessário a definição de estratégias que visem, por meio da ação arteterapêutica preventiva, propiciar o equilíbrio emocional, mudanças nos campos afetivos, interpessoal e relacional, promovendo a saúde e a qualidade de vida dessas crianças e suas famílias.

OBJETIVO GERAL

- Possibilitar experiências artísticas terapêuticas que previnam a dor das perdas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Exercitar a percepção e a noção de espaço como conceitos importantes às atividades terapêuticas.
- Ampliar o conceito arteterapêutico da matéria expressiva como forma de expressão e exteriorização do ser.
- Experienciar no processo de criação o contato com o inconsciente e com as imagens simbólicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem do estudo foi a fenomenológica. A fenomenologia considerada como o retorno ao mundo vivido, por focar o fenômeno entendido, como o que se manifesta em seus modos de aparecer, olhando-o em sua totalidade, de modo direto, sem a intervenção de conceitos prévios que o definam e sem se basear em um quadro teórico prévio que o classifique em explicações sobre o visto. O método fenomenológico reflete as ações e experiências vividas durante as atividades terapêuticas, seguindo a *Descrição, Redução Fenomenológica e Reflexão*.

A *Descrição*: descrever a natureza das experiências vividas, as relações do sujeito e o mundo, espaço-tempo (percepção). *Redução Fenomenológica*: Selecionar quais partes da descrição serão consideradas essenciais. Para isto, há necessidade de um afastamento para melhor transcender e compreender os fatos. A *Reflexão*: é o atributo que procura explicar o significado dado por um processo de vivência, percebendo o que é essencial ao fenômeno. Portanto, o método fenomenológico parte da descrição e da redução, como forma de se aproximar da compreensão dos significados.

O registro ocorreu com o uso da máquina fotográfica, gravações de depoimentos e relatos. A autorização foi solicitada junto aos pais e ou responsáveis.

A pesquisa foi aplicada em 27 alunos do 5º ano com idades de 9 a 10 anos das classes regulares do Ensino Fundamental da rede Estadual de Ensino de São Paulo, Brasil, no período de março a dezembro de 2013. Essa classe foi selecionada também por haver uma proximidade dos alunos com a pesquisadora, refletindo 3 anos consecutivos de atividades artísticas na sala de aula. A maioria das crianças residia em bairros da periferia da cidade, áreas de exclusão social.

Como recursos foram utilizadas expressões e conceitos artísticos e relatos de experiências que envolviam a temática sobre *perdas*. Os materiais artísticos foram variados de acordo com o envolvimento estabelecido com cada criança (lápiz de cor, giz de cera, massinha, argila, colagem, dobraduras entre outras).

A compreensão dos dados foi realizada por meio dos processos artísticos, relatos e depoimentos dos participantes. Portanto, o método fenomenológico (descrição, redução e reflexão) possibilitou compreender as generalidades em meio às ações arteterapêuticas.

RESULTADOS

Por meio de relatos, as crianças foram questionadas a respeito de alguma perda significativa e, se possuíam medo de perdas. O resultado foi que 22 (81,48%) crianças sofriam com perdas de pessoas queridas, 2 (7,41%) com perdas de animais de estimação, enquanto 1 criança (3,70%) sofria por perdas de bens materiais. Com relação ao medo da perda, apenas 02 (7,41%) não tinham medo de perdas. Ao todo, 1 criança não respondeu. Vejamos o gráfico:

Com estas informações iniciais, foram iniciadas as atividades terapêuticas associando o espaço físico aos recursos teórico-artísticos.

O processo de intervenção arteterapêutico percorreu algumas etapas metodológicas que seguem:

1ª etapa: Relação do espaço com o objeto:

- Objetivo: Perceber como os variados objetos se compõem em espaços diferentes (relação sujeito-objeto, eu-mundo).
- Proposta: Criar espaços diferentes para o mesmo objeto, porém com tamanhos, cores, técnicas e formas variadas;
- Resultado: As crianças perceberam que o mesmo objeto apresenta aspectos diferentes em espaços variados assim como as pessoas em relação ao eu-mundo.

2ª Etapa: Texto Poético: Eu-mundo – Poesia a partir do seu “estar no mundo”:

- Objetivo: Perceber como cada criança se compõe em espaços diferentes (relação sujeito-objeto, eu-mundo).
- Proposta: Criação de um texto poético a partir da sua relação cognitiva e afetiva com o mundo; Temática: a relação eu-mundo, espaço-lugar; Realização e construção do texto poético, no espaço externo da sala de aula; Leituras e reflexões em formas de seminários;
- Resultado: O tema mais frequente foi o enfoque sobre a família e amizade, que acarretou um grande envolvimento emocional das crianças, externalizado por depoimentos e manifestações comportamentais de afeto e apoio mútuo.

3ª Etapa: À procura do sujeito - anamnese elaborada individualmente pelos alunos.

- Objetivo: Identificar o sujeito significativo na vida das crianças
- Proposta: Elaborar um texto escrito contendo a anamnese do sujeito (alguém que fosse significativo em sua vida) constando: Sexo; Peso; Idade; Altura; Características do rosto; Características do corpo; Casado ou solteiro? Possui filhos? Quantos? Profissão; Gosto; Aniversário; Sangue; Estilo de roupa; Filme, lugar, esporte, animal, música, cor e comida predileta; Qual a importância do sujeito em sua vida? Após a descrição, foi encaminhada a proposta de construir, com diversos materiais, o sujeito.
- Resultado: Os sujeitos mais significativos na vida das crianças foram os pais e irmãos. Cada criança descreveu, inicialmente para o grupo, a importância do sujeito selecionado em sua vida. Após este momento, o sujeito foi representado por meio de materiais como argila, latas, cabelos naturais recolhidos em pentes, tecidos, meias, tintas e isopor.

4ª Etapa: Construção do espaço poético – criação do espaço ao respectivo sujeito.

- Objetivo: Construir um espaço que represente sonhos e anseios dos sujeitos significativos.
- Proposta: Conversas com a professora a respeito do sujeito e, elaboração do espaço poético. Partindo de uma caixa de sapato, as crianças construíram um espaço em que gostariam de oferecer como presente ao sujeito.
- Resultados: As crianças construíram um ambiente familiar que representavam sonhos e necessidades de seus familiares/ sujeitos significativos em sua vida. Os principais ambientes construídos foram quartos, salas, lugares/ viagens dos sonhos, estádio de futebol.

5ª Etapa: Processo Arteterapêutico – apresentações e questionamentos levantados pelo grupo.

- Objetivo: Experimentar no processo de criação o contato com o inconsciente e com as imagens simbólicas
- Proposta: Apresentação individual dos trabalhos arteterapêuticos; Questionamentos, perguntas e conselhos oferecidos entre o grupo.
- Resultados: Cada criança apresentou ao grupo os sujeitos significativos escolhidos, dentro do espaço poético construído. Neste momento, surgiram relatos de perdas afetivas, por morte ou separação entre os familiares, principalmente divórcio e moradia distante dos demais familiares que residiam em outros estados. Ocorreram manifestações emotivas como choros, gestos, olhares, manifestações de ansiedade que foram acolhidas imediatamente pelo próprio grupo, que buscou dar resposta aos sentimentos manifestados, por meio de gestos solidários, abraços, depoimentos de seus próprios sentimentos. As crianças externalizaram que a perda relatada por uns era comum aos demais colegas, trazendo conforto e solidariedade. Ocorreram relatos de familiares das crianças sobre solicitações de contatos mais frequentes com os familiares distantes e pais divorciados.

Durante o processo arteterapêutico, foram registrados pela pesquisadora, frases, citações, poesias e depoimentos das crianças, que possibilitaram a compreensão do caminho percorrido no processo vivenciado, descritos abaixo:

“Gostei muito porque me fez refletir muito o que não fazia com a minha mãe” (Frederico, 10 anos)

“A caixa possibilitou expressar aquilo que eu teria vergonha de expressar naturalmente” (Lucas, 11 anos)

“Repensar o amor que tenho pelo meu irmão (Letícia, 11anos)

“ Não mudou muita coisa, mas me ajudou a me expressar” (Breno, 11 anos)

“Consegui ficar mais perto do meu irmão, coisa que não conseguia antes, pois tinha medo dele” (Matheus, 10 anos)

“Ajudou a lembrar da minha vó, isto ajudou no meu dia a dia” (Kevin, 12 anos)

“Antes eu era mais violento, achava que tudo se resolvia na briga mas, depois do trabalho percebi que a amizade é mais importante do que ser violento. A violência não leva a nada” (Douglas, 11 anos)

“ Eu fiquei com menos vergonha de falar o que eu sinto para as pessoas, por isso, gostei muito” (Aline, 12 anos)

O processo arteterapêutico ocasionou a união e a confiança do grupo no tema perdas sem danos, auxiliando as crianças a compartilharem seus medos, angústias e sentimentos guardados, bem como se posicionarem positivamente diante de seus conflitos. Os alunos descreveram que em meio a tanta discussão é possível amenizar a dor das perdas. Refletiram sobre a importância do outro em suas vidas. O projeto proporcionou aproximação da criança com os respectivos sujeitos, renovando os laços afetivos.

Como resultado final deste processo, as crianças formaram um grupo colaborativo, que se propôs a auxiliar outros colegas a escrever e enviar cartas, emails para pessoas distantes.

CONCLUSÕES

A percepção e a noção de espaço como conceitos importantes às atividades terapêuticas foram observadas durante a realização das atividades. As crianças perceberam que o mesmo objeto apresenta aspectos diferentes em espaços variados assim como as pessoas em relação ao eu-mundo. Os sujeitos mais significativos na vida das crianças foram os pais e irmãos. As crianças construíram um ambiente familiar que representava sonhos e necessidades de seus familiares/ sujeitos significativos em sua vida.

A ampliação do conceito arteterapêutico por meio da matéria expressiva colaborou com a exteriorização do ser simbólico. As crianças relataram perdas afetivas, por morte ou separação entre os familiares. Os sentimentos foram externalizados por manifestações emotivas que foram acolhidas pelo próprio grupo.

As atividades arteterapêuticas vivenciadas pelas crianças possibilitaram a significação dos símbolos prevenindo a dor das perdas.

REFERÊNCIAS

1. Azubel, David. *Mito E Psicanálise: Estudos Psicanalíticos, Formas De Primitivo Pensamento*. São Paulo: Papirus, 1993.
2. Bachelard, Gaston. *A Terra E Os Devaneios Da Vontade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
3. Canclini, N. G. *A Produção Simbólica – Teoria E Metodologia Em Sociologia Da Arte*. Trad. Gloria Rodriguez. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
4. Chevalier, Jean E Greerbrant, Alain. *Dicionário Dos Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Rio De Janeiro: José Olympio, 1990.

Fusari, Maria F.R. & Ferraz, Maria Heloísa c. de T. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.

Grinberg, Luiz Paulo & Jung. *O homem Criativo*. São Paulo: FTD, 1997.

Jung, Carl. *O Homem e seus Símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____. *O Espírito Na Arte e Na Ciência*. Trad. Maria de Moraes Barros. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

Merleau-Ponty, Maurice.. *O Olho e o Espírito*. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 a.

_____. *Psicologia e Pedagogia da Criança*. Trad. Ione C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

Pain, Sara. *Teorias e Técnicas da arte-terapia*. Trad. Rosana Severino Di Leone. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Ostrower, Fayga. *Criatividade e Processos De Criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Pereira, Regina de C. *A Espiral Do Símbolo: a arte como terapia*. Petrópolis: Vozes, 1976.

Philippini AA. Transdisciplinaridade e arteterapia. In: Ornazzano G, organizadora. *Questões de arteterapia*. Passo Fundo: UPF; 2004: 11-7.

Zamboni, S. *A Pesquisa em Arte, um paralelo entre arte e ciência*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.